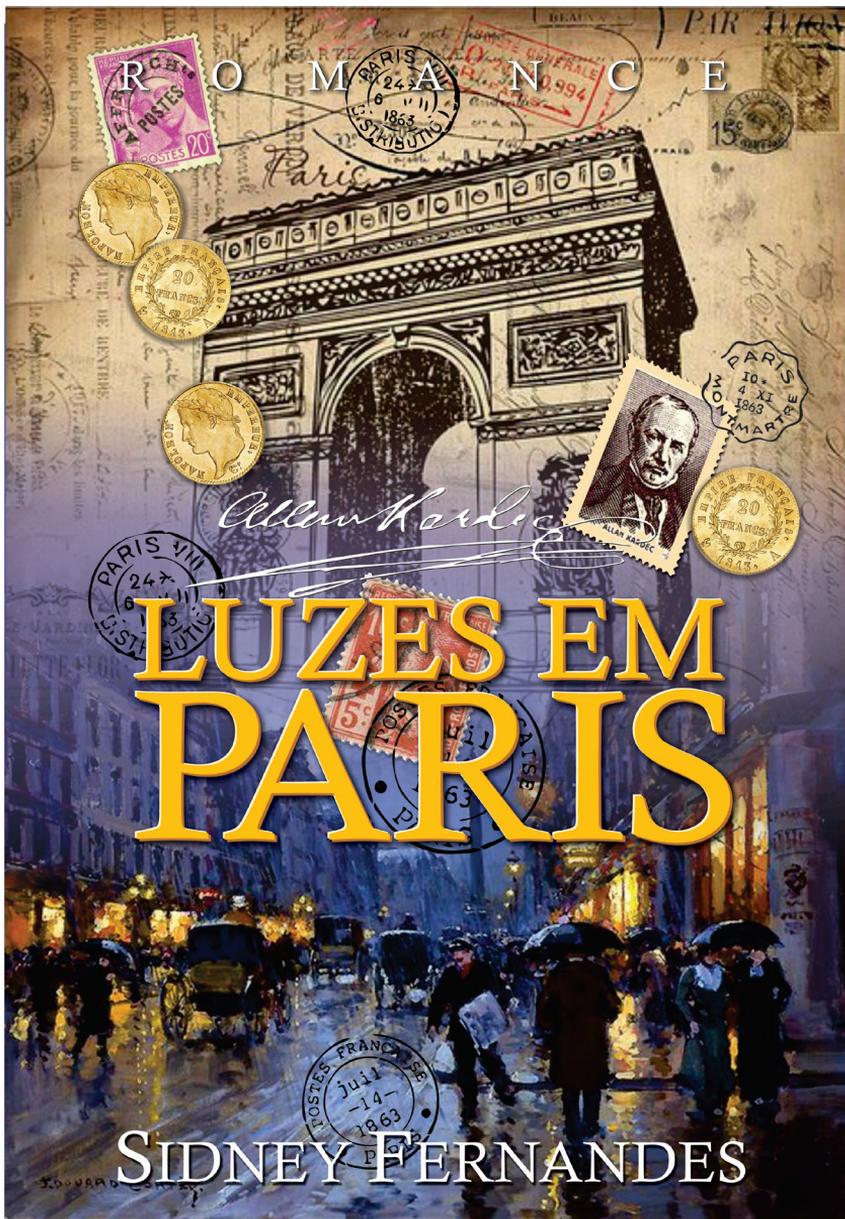


R O M A N C E

*Allen Karlov*

# LUZES EM PARIS

SIDNEY FERNANDES





# Sumário

Nota do autor .....	08
Apresentação .....	09
Allan Kardec em Paris .....	10
01 - Primavera em Paris.....	11
02 - Os sonhos de Madame Charlotte .....	18
03 - Sonhos, premonições e pressentimentos .....	19
04 - A mãozinha mágica de Giselle Marie.....	21
05 - Uma viúva desconsolada .....	25
06 - Um turbilhão de ideias.....	29
07 - A nova ciência.....	36
08 - A mansarda de uma pensão muito simples ....	41
09 - A consulta marcada .....	47
10 - A conversa e a conversão .....	52
11 - Algumas revelações.....	56
12 - Roger, um irmão desconhecido .....	62
13 - A estrada do bem .....	67
14 - Preciosas informações sobre a obra de Allan Kardec .....	71
15 - Du Bois encanta-se com Rivail.....	75
16 - Du Bois encanta-se com o Espiritismo .....	87
17 - Resumo do Espiritismo .....	91
18 - Senhor Allan Kardec... ..	95
19 - Uma proposta inusitada .....	98

20 - Um alerta providencial .....	109
21 - Ronan volta à mansarda de uma pensão muito simples .....	116
22 - Uma surpresa agradável.....	121
23 - Enfim, o Senhor Allan Kardec.....	127
24 - Allan Kardec e João Huss .....	133
25 - Memorável sexta-feira .....	137
26 - Preparativos.....	143
27 - As jovens médiuns de Allan Kardec .....	144
28 - Reunião mediúnica .....	146
29 - Uma visão de Ronan Du Bois .....	152
30 - Uma estranha visita .....	159
31 - Estudos e fenômeno de transporte.....	162
32 - A pequena jornada de Giselle Marie.....	164
33 - Nova reunião com Kardec.....	167
34 - Roland na mansão Du Bois.....	171
35 - O plano .....	175
36 - Morte na família .....	177
37 - Preparando o terreno.....	180
38 - Assistido pelos Espíritos .....	183
39 - Um ardil muito convincente .....	185
40 - Ouvindo Kardec .....	189
41 - Fouché - Ronan - Roland.....	193
42 - Atendimento emergencial .....	200
43 - Planos tenebrosos de Roland.....	205
44 - Novas instruções da espiritualidade .....	213

45 - Na mansão Du Bois .....	216
46 - Magnetismo curador .....	220
47 - Equinácea .....	223
48 - Estranha comunicação .....	227
49 - Procurando a equinácea .....	229
50 - Uma surpresa desagradável .....	235
51 - Um Espírito com asma? .....	241
52 - Precioso rascunho.....	245
53 - A revelação.....	247
54 - Uma cena dramática.....	253
55 - De volta à pensão de Madame Taíssa.....	259
56 - A cura para Ronan .....	267
57 - Inexplicável melhora .....	271
58 - Enfim, a descoberta.....	276
59 - Uma visita muito especial.....	279
60 - Reunião histórica .....	286
61 - O lançamento de <i>O Livro dos Médiuns</i> .....	288
62 - Ano de 1863 -	
Novos reforços à codificação espírita.....	291
63 - Giselle Marie anuncia uma nova obra de Kardec...	297
64 - Acontecimentos finais - I .....	299
65 - Acontecimentos finais - II.....	302
66 - Acontecimentos finais - III .....	304
67 - O retorno à pátria espiritual.....	310
68 - Obrigado, Kardec .....	311
Comentários dos revisores.....	315
Agradecimentos do autor .....	317

Todo efeito tem uma causa.  
Todo efeito inteligente tem uma causa  
inteligente.  
O poder da causa inteligente está na  
razão da grandeza do efeito.

*Allen Kardec*

## Nota do autor

*Nesta obra misturam-se ficção e realidade. Embora os personagens, em sua maioria, sejam irreais, os diálogos e os contatos com o codificador da Doutrina Espírita foram inspirados em seus dados biográficos e em páginas contidas nos doze tomos da Revista Espírita, numa abordagem que resgata alguns momentos da sua vida.*

*Descrições da Paris do século XIX e situações vividas pelo personagem Roland Du Bois tiveram como fonte as obras de Honoré de Balzac e se fundiram à narrativa com a atmosfera quase indescritível da capital europeia que atraiu e encantou o mundo.*



## Apresentação

Uma oportunidade inesquecível de rever Paris com os olhos da alma...

*Com essas palavras do tradutor da Revista Espírita, de Allan Kardec, Evandro Bezerra, posso expressar a emoção de percorrer a Paris da Belle Époque, embelezada por Napoleão III e envolvida na adorável atmosfera do século XIX, com seus boulevards adornados de plátanos e olmos, réverbères e cafés, sempre apinhados de gente bonita.*

*As páginas da Revista Espírita permitem percorrer aquelas ruas tão conhecidas por Allan Kardec e mirar novamente as belezas da Cidade Luz, cuja magia a linguagem humana é incapaz de retratar.*

*As brumas da manhã, os matizes dourados do outono, o suave encanto do entardecer, o cintilar das estrelas do firmamento e o frenesi dos transeuntes nos Champs-Élysées são alguns dos devaneios do tradutor, que enriqueceram e contribuíram com pitadas de poesia e emoção as descrições a que tive acesso e pude oferecer ao amigo leitor.*

*Meu sincero agradecimento à FEB – Federação Espírita Brasileira e ao tradutor Evandro Noletto Bezerra.*

## Allan Kardec em Paris

*Graças a Glauco Damas, que me autorizou a utilizar suas publicações, pude percorrer virtualmente os passos de Rivail/Kardec em Paris. Em seu site: [viagemfantastica.com](http://viagemfantastica.com) e em seu livro Allan Kardec em Paris, tive a emoção de ver onde o codificador andou, olhou, morou e trabalhou.*

*Venha agora comigo, de volta ao momento em que nasceu o cinema, em que os cabarés e o cançã estavam em plena efervescência e novas formas de expressões artísticas, da arquitetura, das inovações culturais, científicas e tecnológicas, começavam a surgir. Esse cheiro de arte, misturado com ciência, envolto pelas conquistas sociais e políticas, com fortes pitadas de paixão, fizeram de Paris o centro do mundo.*

*Daí a famosa expressão Cidade Luz, que resgatou não somente a luminosidade em seu sentido literal, como a Paris que atraiu as libélulas do conhecimento de inúmeras partes do mundo, tornando-se, por quase quarenta anos, a capital da arte e do modernismo.*

*Finalmente, quero agradecer a sua confiança ao ler mais este livro de minha autoria, esperando que, da mesma forma que me emocionei, você também possa se encantar com as Luzes em Paris.*

*Primavera de 2016  
e-mail: [1948@uol.com.br](mailto:1948@uol.com.br)  
facebook: Sidney Fernandes*



## 1 - Primavera em Paris

Naquele ano de 1860, pouco além da metade do século XIX, a primavera teimava em não chegar a Paris. Já era o mês de abril e a temperatura mais parecia de inverno, cerca de cinco graus centígrados, agravada por um vento que já durava uma semana e provocava uma sensação térmica abaixo de zero.

— Bem que o Senhor dos tempos poderia ter sido mais camarada com a França neste ano — lamentou Madame Charlotte, trinta e cinco anos de idade, a Giselle Marie, de apenas quinze anos, sua filha de criação.

Carole, antiga auxiliar da mãe de Charlotte, com sérios problemas de saúde e precariedade de condições para criar Giselle, confiara-lhe a filha ainda pequena. E madame estava se desincumbindo fielmente de suas promessas, cuidando da pequena como se fosse sua filha natural.

A lareira da sala, antes somente acesa em ocasiões especiais, fora muito utilizada durante os últimos três meses e, ao que tudo indicava, muitas vezes ainda seria acionada, mesmo durante o dia, principalmente em manhãs como aquela, em que o vento persistia, implacável.

Estavam encolhidas em mantas e cobertores de lã, buscando na costura e nos bordados espantar o tédio e o enrijecimento dos dedos. Mansamente, os primeiros raios do sol da primavera entraram pela janela, tentando timidamente espantar o uivo do vento, tão deslocado da noite e da época.

As duas levantaram-se em atitude de reverência e agradecimento, louvando a claridade morna que lenta-

mente ia invadindo o ambiente, como se fosse uma trégua concedida pela natureza.

No meio desse enlevo, ambas ouviram o sapatear de patas do cavalo de um cabriolé que teimava em subir pela íngreme rua para tentar chegar à Mansão dos Du Bois, tarefa impossível nos dias de chuva.

O silêncio denotava que o veículo havia estacionado na frente da casa. Um mensageiro bateu ao portão de ferro da entrada do largo muro amarelo, que margeava a rua e os terrenos vizinhos, cor tão comum dos outros muros da capital da França. Ao ouvir os ruídos vindos da rua, a cozinheira Adele apressou-se nas suas providências, julgando que o patrão já estivesse chegando para o almoço.

A um leve menear de cabeça de Madame Charlotte, Giselle diligentemente dirigiu-se à porta de entrada, não sem antes passar pelo bufê da sala de jantar e pegar, em pequena caixa de madeira, algumas moedas que perfaziam aproximadamente um franco. Os Du Bois costumavam ser generosos para com todos que os serviam.

O mensageiro ficou encantado com a *pourboire* (gorjeta) recebida e entregou uma correspondência lacrada, dirigida a Monsieur Du Bois. Depois de examinada externamente por Madame Charlotte, a carta foi colocada cuidadosamente na escrivaninha de carvalho do gabinete particular do chefe da casa.

Não se passou uma hora e o conceituado médico Ronan Du Bois entrou pela porta da casa, deixando seus agasalhos mais pesados e a inseparável bengala nas mãos de Giselle Marie, dirigindo-se ao lavatório. Recebeu com alívio a água morna vertida pela jovem, derramada do cântaro, com o cuidado necessário para não molhar as roupas do



senhor. A camareira Josephine já estava a postos, com duas alvas toalhas passadas com o ferro em brasa, cuidadosamente dobradas em seus braços, à disposição de Monsieur Ronan. O dono da casa secou o rosto e as mãos, agradeceu sorrindo e se dirigiu à sala de refeições.

A mesa estava cuidadosamente adornada. Sobre a toalha branca de linho disposta na grande mesa estavam guardanapos finamente bordados, distribuídos por entre as iguarias fumegantes produzidas e servidas por Adele. O chefe da casa era sempre o primeiro a se sentar à cabeceira, seguido por Madame Charlotte. A um quase imperceptível gesto de Ronan, Giselle sentou-se ao lado da senhora. Ela era a única pessoa da casa que tinha permissão para fazer as refeições com os patrões.

Madame Charlotte mantinha rigorosamente o hábito da oração antes de todas as refeições, prática que herdara de seus pais e que ela fazia questão de preservar.

Serviram-se educadamente. Como de hábito, Adele postara-se na porta da cozinha que dava acesso à sala de jantar e aguardava, em pé, que o patrão experimentasse algum prato. Dali ela não sairia antes de receber o elogio habitual de uma de suas criações culinárias. Ronan nunca se fazia de rogado. Assim que experimentou algo que o agradou, olhou para Adele e disse sorrindo:

— Isto está uma delícia, Adele.

A cozinheira deu-se por satisfeita, sorriu e, depois de leve mesura, embrenhou-se em seu local de trabalho.

As refeições da Mansão Du Bois eram sempre momentos sagrados, envoltos de paz e harmonia. Os assuntos mais tormentosos nunca eram ali tratados, falando-se, no máximo, de superficialidades triviais. Coisas mais sérias

eram conversadas somente depois do cachimbo e do jornal de Ronan.

Finda a refeição, Ronan foi até o seu gabinete particular e abriu a correspondência que havia chegado.

— É do seu pai — disse madame Charlotte. Acabou de chegar de Toulouse.

Ronan colocou o pincenê, seus óculos sem haste, que se encaixou perfeitamente ao seu nariz. Cofiou as suíças e leu atenciosamente a correspondência. Em seguida, irrompeu pela sala de estar e anunciou:

— Meu irmão está vindo para cá. Papai resolveu custear sua vinda e teve a precaução de não lhe dar muito dinheiro, para que tenha uma vida simples e frugal e não se empolgue com a vida noturna de Paris. É mais uma tentativa para que Roland crie juízo e passe a cuidar da própria subsistência.

— Ele virá para nossa casa? — perguntou Charlotte.

— Não, papai quer que ele fique em uma pensão simples e pede que eu acompanhe seus esforços no sentido de se estabilizar e obter sua independência financeira. Papai confia em mim e, afinal de contas, Roland é o caçula da família e precisa de alguém com juízo por perto.

— Qual é o trabalho dele? — perguntou madame.

A resposta de Ronan foi acompanhada de um sorriso quase que sarcástico ao informar que o irmão era o que se poderia chamar de um *bon vivant*, rapaz alegre, de bem com a vida, com as artes e com as modernidades do século.

— Afeito à literatura e às pinturas, por enquanto nada produziu que valesse a pena publicar ou vender —



explicou Ronan.

— O que o traz a Paris? — tornou a perguntar Charlotte.

— Os seus motivos, bem imagino, são as belíssimas paisagens e as pessoas que saem, passeiam e festejam a chegada da primavera em nossa capital. Os de papai são outros. Quer que ele abra algum negócio, consiga emprego ou, na última das hipóteses — diz aqui em sua carta —, que escreva ou pinte algo que seja aceito pela crítica. Em suma, que se decida por alguma coisa na vida. Papai está farto de sustentá-lo.

— Ele já está com quase vinte e cinco anos, mas ainda vai precisar da minha proteção — continuou Ronan. Papai pede-me que eu fique por perto, numa espécie de liberdade vigiada. Vai ficar em Paris por determinado período de tempo, recebendo apenas seiscentos francos anuais, à custa da família. Nesse ínterim, deverá dar provas de sua vocação literária ou artística, ou desenvolver outra atividade útil e produtiva.

— Tenho o endereço do local em que ficará hospedado. Deve ser uma mansarda, com um quarto simples, com mobília sumária, provavelmente sob os cuidados de alguma velha criada. Assim que eu tenha uma manhã livre, com vagas em minhas consultas, irei visitá-lo.

Madame Charlotte sorriu e, como sempre, benevolente, disse:

— Deve ser um bom menino precisando de alguém que o apoie. Com certeza, meu senhor, sua influência prestimosa lhe dará novo rumo à vida.

— Muito grato, querida, por sua sempre irrestrita confiança e cumplicidade. Farei o melhor.

— Tenho certeza disso — falou Charlotte, segurando suas mãos e olhando-o nos olhos.

\*\*\*

Monsieur Du bois era um homem bom e de muita fibra. Chegava agora aos quarenta anos de idade, quando os primeiros cabelos grisalhos começavam a surgir, acentuando o ar de sobriedade, equilíbrio e firmeza do médico francês. Era rigoroso em seus princípios, sem deixar de ser generoso e tolerante, qualidades que havia desenvolvido com Madame Charlotte. Sempre agradecia a Deus a bênção que havia lhe proporcionado, ao colocar ao seu lado criatura tão amorosa e adorável.

Ainda nos primeiros tempos, quando as vantagens da medicina e a fulgurante vida social de Paris não os haviam favorecido, Charlotte cuidava da casa sozinha, valorosa e prestativa, sem se importar com a risota que poderia suscitar o monástico início de vida, de alimentação frugal e de roupas simples e modestas. Venceram juntos e agora desfrutavam de uma vida confortável.

Lembravam-se, às vezes, dos primeiros tempos, em que eram obrigados a se manter incógnitos, para não deslustrar o sobrenome dos poderosos Du bois da distante Toulouse, e eram gratos a Deus por tudo o que haviam conquistado.

A dureza de um início de vida pode aumentar a desconfiança e a maldade em certas criaturas. Com Ronan e Charlotte ocorrera exatamente o contrário. As dificuldades, valorizadas e superadas, aumentaram a bondade intrínseca de seus corações.



Monsieur Du bois havia nascido também em Toulouse. Frequentara os bancos escolares dos verdes anos naquela agradável cidade, completara seus ensinamentos interdiários em Lyon e depois se transferira a Paris para o curso superior. Ao contrário do caçula Roland, que protelava interminavelmente a adolescência e se comprazia em ser mantido pelo pai, Ronan sempre fizera questão de se manter por conta própria.

Trabalhara como mensageiro, auxiliar de tipógrafo, copista e escrevente. Distanciado da família, poderia ter se transformado em um rapazola sem piedade e sem freio ou, mais tarde, num solteirão inveterado e um dândi, com intensa vida social e presença nos salões.

Quando todos os familiares lá na distante Toulouse pensavam que pudesse enveredar para o campo do Direito, declarou em alto e bom som que essa combinação de papéis, cartórios e tabeliães não lhe passava pela cabeça. Queria amenizar dores e adentrar o campo da saúde.

Vivamente impressionado e comovido com essa corajosa resolução, o velho Bernard Du bois, acompanhado da filha do meio, Vivienne, deslocou-se pessoalmente a Paris para tirar o filho da humilde pensão em que vivia e colocá-lo em condições mais confortáveis na Rue Du Fouarre, no quartier Latin, de onde teria melhor acesso à Rue des Écoles e à Universidade de Paris.

Ronan não queria onerar o pai com suas despesas de manutenção, mas, convencido pela irmã Vivienne, cujas opiniões respeitava, concluiu um acordo de passar dois anos às custas da família.

Sensibilizado com a generosidade paterna, Ronan dedicou-se intensamente aos cursos comuns e depois à se-

leção, tendo se colocado em excelente posição no ranking, o que lhe permitiu ingressar nas especialidades dos estudos em saúde — medicina, odontologia, farmácia e obstetrícia —, optando por aquela que mais almejava.

Instalou sua clínica no centro de Paris. Respeitado pelos seus pares e pacientes, sempre fora honesto e humano. Nunca deixara de bem atender um paciente, independentemente de suas posses.

Eternamente grato, mesmo depois de casado e ter amealhado excelente situação financeira e social, Ronan sempre manteve excelente relacionamento com sua família em Toulouse. Não teve filhos. Daí o carinho com que os Du Bois tratavam a filha de criação, Giselle Marie.

## 2 - Os sonhos de Madame Charlotte

Naquela noite Madame Charlotte voltou a ter o mesmo sonho. Era repetitivo. Via-se sempre na mesma situação, em outra época, outro lugar, mas sempre com os mesmos personagens.

Revivia fatos do passado, provavelmente dos séculos XIV ou XV, que talvez pudessem se relacionar com alguma situação do presente, com a qual ela ainda não conseguia atinar. Eram contatos de mensageiros que lhe traziam a rememoração de fatos, ideias e pessoas daquele tempo.

Conseguia distinguir vagamente alguns intelectuais inconformados com os desmandos da época, que defendiam reformas religiosas, com profundas críticas à Igreja. Várias regiões da Europa, como Suíça, Inglaterra e Boêmia lhe surgiam nas visões. Eram personagens certamente



inconformados com os excessos e descaminhos da Igreja Romana, que foram submetidos a severos julgamentos.

Charlotte incomodava-se, não propriamente com os sonhos, mas com a sensação desagradável que lhe remanesceu no íntimo depois de acordar, ciente de que as coisas não acabavam bem.

Embora nebuloso, cada sonho trazia novos detalhes, que iam se tornando gradativamente claros, delineados e nítidos, denotando não se tratar de dramatização fisiológica ou psicológica, mas de autêntica atividade espiritual.

Acordava geralmente com uma vaga tristeza e com certo desânimo que beirava a nostalgia. Mas, que tinham a haver ideias tão inusitadas com a sua realidade atual? Não eram meros sonhos, sem compromisso com a vida real?

Essas perguntas não poderiam, pelo menos por enquanto, ser respondidas, pois que demandariam o conhecimento da preexistência da alma, da vida espiritual, da reencarnação, princípios ainda distantes dos atuais conhecimentos dos Du Bois, embora eles estivessem sempre abertos a novas aquisições culturais.

Por se manterem, todavia, com suas antenas espirituais desobstruídas, isentas de preconceitos ou prejulgamentos, pelo cultivo da oração, da reflexão e do estudo, não tardariam, com o tempo, a se inteirar dessas novas realidades.

### 3 - Sonhos, premonições e pressentimentos

Durante o repouso do corpo físico, é possível ao Espírito encarnado dispor de maior liberdade e maior energia,

que lhe possibilitam acesso a conhecimentos e lembranças geralmente inacessíveis quando está acordado. O sono se assemelha muito com o estado normal do Espírito, depois da morte.

Alguns se utilizam bem desse momento. Outros se deslocam para regiões inferiores, atendendo à predominância de suas sensações, em busca de prazeres ou ideias semelhantes ou até inferiores às que professam na vida encarnada.

Fora de dúvida que o Espírito, quando dorme, entra em contato com outros Espíritos, superiores ou inferiores, dependendo do seu estágio evolutivo.

Nesse momento de liberdade da alma, é possível a recordação de fatos passados, que estão presentes em nosso inconsciente, cujos registros podem surgir na forma de sonhos e depois são revisitados, em estado de vigília, à maneira de recordações familiares ou pressentimentos.

Essas informações também podem surgir através de conselhos de um Espírito que nos deseja o bem ou quer que nos encaminhem para determinado estudo ou trabalho. É preciso considerar que tais momentos também podem ser utilizados por maus Espíritos, que se servem dos sonhos para atormentar suas vítimas.

Também pode ocorrer o que costumamos chamar de *segunda vista*. Há pessoas, dotadas de uma organização especial, que detêm uma perspicácia que lhes permite julgar as coisas com mais precisão do que as outras, mesmo que o seu corpo não esteja adormecido. Essa faculdade é permanente, porém não o seu exercício, podendo se desenvolver de acordo com o esforço, a vontade e com o trabalho da-



quele que dela é dotado.

Da mesma forma que nos sonhos, no sonambulismo e nos conselhos dos Espíritos, a *segunda vista* nada mais é do que a vista da alma.

Quanto mais se desmaterializam os homens, mais desenvolvidas ficam suas faculdades de emancipação do espírito. Suas percepções, a princípio restritas ao tato mais apurado, à perspicácia e à segurança dos atos, mais desenvolvidas permitem o aflorar dos pressentimentos e, mais desenvolvidas ainda, mostram o passado ou, eventualmente, o que poderá ocorrer no futuro.

*Como é possível o conhecimento do futuro?*

Poderíamos fazer essa indagação, assim como o fez Allan Kardec, no capítulo XVI, do livro *A Gênese*, ao mesmo tempo em que propôs uma didática analogia para a compreensão desse mecanismo.

Pode ser conveniente que certos acontecimentos devam ocorrer com a cooperação do homem. Dessa forma, em algumas circunstâncias especiais, Deus permite que uma ponta do véu do tempo lhe seja permitido levantar, conforme nos explica Allan Kardec na questão 522 de *O Livro dos Espíritos*.

## 4 - A mãozinha mágica de Giselle Marie

Madame Charlotte narrara os seus sonhos várias vezes para seu marido, que a escutava pacientemente, embora pessoalmente julgasse se tratar de meras inquietações de sua alma, preocupada com a administração da grande casa situada no bairro nobre de Paris. Afinal de contas, ela tinha

um grande número de criados para administrar e uma casa enorme para manter limpa e organizada.

Somente os jardins da nobre residência já lhe exigiam constante observação e acompanhamento. Os amplos gramados e caminhos eram ladeados por sebes bem podadas, algumas árvores, canteiros de flores e um lago circular com uma pequena fonte no centro. Os muros amarelos que circundavam a mansão eram todos cobertos de heras. Num canto, ficavam a horta e o pomar da cozinha, onde as frutas e as verduras para consumo próprio da família cresciam.

Tudo isso, mais os mantenedores da casa, deviam exigir muito de Charlotte. Esse estresse talvez estivesse incomodando-a e tirando o seu sono justo. Mesmo assim, Ronan lhe dava toda atenção possível, a cada nova narrativa do mesmo sonho.

Madame Du Bois era uma criatura extremamente dócil e generosa. Cultivava a reflexão, boas leituras e se relacionava com seus empregados com respeito e humildade. Jamais permitira que a privilegiada posição social perante a sociedade de Paris compromettesse os seus princípios, que haviam plasmado o seu caráter desde a infância. Com sua mãe, aprendera a ser sincera e honesta, comportamento que era inato em sua personalidade, desde o berço.

Além das orações durante as refeições, não era raro convidar seu marido e a pequena Giselle Marie para momentos de elevação espiritual. Esses bons hábitos mantinham uma atmosfera de harmonia e paz naquele ambiente.

Certa ocasião, em que Charlotte repetia a narrativa da noite precedente, Giselle Marie aproximou-se e disse que havia tido o mesmo sonho. A princípio o casal não levou



muito a sério a observação da pequena. Pelas generalidades da narrativa, não seria impossível que ambas tivessem as mesmas lembranças.

Mas a coisa começou a ficar séria quando, além de citar as mesmas épocas, os mesmos personagens e motivações, ligados a desmandos da igreja, narrados, naturalmente, através da linguagem simples de uma jovem, Giselle citava nomes, cidades, países que não conhecia e, principalmente, detalhes do fim infeliz que tinham tido os componentes da narrativa, coisa que tanto incomodava e provocava mal-estar a Charlotte, a ponto de arrolar o desventurado sonho à guisa de pesadelo desagradável.

Humilde, porém determinada, a pequena jovem pontuava suas narrativas com tal firmeza, que Ronan se viu na necessidade de, compulsivamente, anotar todos os dados fornecidos. E o mais estranho é que, compatibilizando as informações com os livros da sua vasta biblioteca, Ronan encontrou registros históricos que o levaram a várias regiões da Europa, como Suíça, Inglaterra e Reino da Boêmia.

E os detalhes iam se desenrolando, chegando às cidades de Husinec, Praga, Oxford e Constança, conjunção de localidades que remeteram o culto médico Du Bois a encontrar pensadores e reformadores religiosos dos idos do Concílio de Constança, em 1415.

Aquelas conclusões eram atordoantes e Ronan se recusava a princípio a acreditar que, de sua esposa e de sua protegida, cujas bagagens culturais eram, até então, limitadas, pudessem brotar o afloramento daquelas informações tão precisas.

Não querendo fazer alarde, Ronan guardou aquelas ilações somente para si, esperando, prudentemente, por

futuras informações que talvez pudessem trazer mais luzes àquelas pesquisas.

Ensimismado, o médico lembrou-se de que não era aquela a primeira vez que a menina Giselle Marie dava mostras de possuir uma organização singular, que lhe permitia perspicácia para captar certas informações, aparentemente inverossímeis, e de julgar coisas com mais precisão do que os outros.

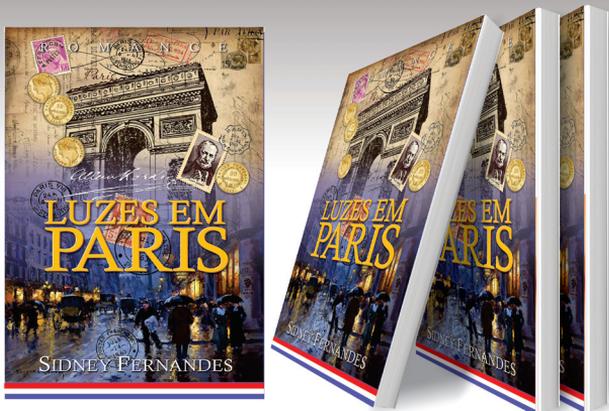
Certa ocasião, em que Madame Charlotte levantara-se com terrível enxaqueca, que nem mesmo os seus talentos de médico conseguiram amenizar, a menina se aproximara docemente e apusera sua pequena mão na testa de sua protetora.

Ao contato fresco daquela doce mãozinha, uma estranha vibração magnética tomara conta da cabeça de Charlotte, a ponto de provocar um vertiginoso aumento de temperatura para, logo a seguir, imediato resfriamento.

As oscilações de temperatura causadas por aquela terapia de contato chegavam às terminações nervosas e redundavam em imediato alívio da sensação desagradável, que antes teimava em variar de intensidade, extensão e localização.

A partir daí a *mãozinha mágica* de Giselle Marie era frequentemente procurada por todos da casa, para aliviar suas dores. O médico não sabia explicar aqueles fenômenos e muito menos a origem das precisas informações que vinham confirmar algo muito sério por trás dos sonhos narrados pelas duas mulheres sob sua tutela e proteção. Eram assuntos para serem esclarecidos futuramente.

**LANÇAMENTO**



Título: Luzes em Paris  
Autor: Sidney Fernandes  
Gênero: Romance  
Formato: 14x21  
Páginas: 320  
Preço: R\$ 32,00

---

---

Faça já sua reserva!  
Disponível a partir de 15 de Dezembro



tele\_editora@ceac.org.br  
comercialeditora@ceac.org.br



(14) 99162-7233